

Aula 001 – Capítulo 1 – Rute 1:1-22

1 Nos dias em que julgavam os juízes, houve fome na terra; e um homem de Belém de Judá saiu a habitar na terra de Moabe, com sua mulher e seus dois filhos.

É desenhado o pano de fundo para a história. Se localiza cronologicamente nos dias quando os juizes governavam. Israel lembrava-se do “Período dos Juizes (ca. 1200-1020 a.C.) - o tempo entre a morte de Josué (Jz 1.1) e a coroação de Saul (ISm 10) - como sendo uma era de terrível caos social e religioso. O livro de Juizes está cheio de invasões violentas, religião apóstata, ilegalidade desordenada e guerra civil tribal. Seus principais líderes eram juizes - heróis militares locais a quem Deus levantou principalmente para salvar Israel de ameaças estrangeiras específicas nos próprios territórios em que moravam. Por isso, sua liderança não era nacional e sim local, não política e sim militar.

A esse cenário trágico, o autor acrescentou que uma fome assolou a terra (o país inteiro). As fomes bíblicas têm muitas causas naturais:

- Seca (Gn 41.27; IRs 18.2; 2Rs 8.1; At 11.28; etc.),
- Doença, invasões de gafanhotos (Am 4.9,10),
- Perda de cabeças de gado (IRs 18.5)
- Guerras (2 Rs 7.24,25; Is 1.7).

Eles acreditavam, muitas vezes, que o julgamento vinha de Deus (2 Rs 8.1; Is 3.1; Jr 14.13-18; Am 4.6; Me 13.8; cf. Ag 1.10,11).

A menção da fome, contudo, serviu a um propósito que recordava a disposição bíblica de que fomes, a despeito de aparências trágicas, muitas vezes promovem o plano de Deus para seu povo.

Esta fome forçou a família de um homem de Belém em Judá a migrar para Moabe. Ele enfatizou que a família tem apenas quatro membros - o homem, sua esposa e dois filhos. Eles vinham de Belém em de Judá (casa de pão). Nome este que foi bem merecido: trigo, cevada, azeitonas, amêndoas e uvas cresciam abundantemente na área. Como é irônico que a “casa de pão” não conseguiu alimentar esta família!

Seu novo lar temporário foi nos campos de Moabe. No AT, Moabe era a região montanhosa a leste do Mar Morto. Em fomes semelhantes, Abraão e Isaque, em vez disso, optaram por buscar refúgio no Egito e Filístia (Gn 12; 20; 26). O planalto fértil de Moabe pode ter sido um importante fornecedor de pão para a Palestina, e assim ter atraído refugiados da fome regularmente. Esta família saiu do que lhe era familiar para o não familiar, do conhecido para o desconhecido. Os quatro eram legalmente um grupo “estrangeiro”, e assim era seu mundo. Além disso, buscar refúgio em Moabe - inimigo de Israel no decurso da história, tanto era vergonhoso como perigoso. Não obstante, a continuidade com os patriarcas que era assumida pressagia um surpreendente destino futuro.

2 Este homem se chamava Elimeleque, e sua mulher, Noemi; os filhos se chamavam Malom e Quiliom, efrateus, de Belém de Judá; vieram à terra de Moabe e ficaram ali.

Aqui se seguiram os nomes dos imigrantes. O marido era Elimeleque, cujo nome significava provavelmente “meu Deus (Yahweh) é rei”. É possível que “meu Deus é rei” expresse o tema da história, isto é, Deus o rei conduzirá os eventos que seguem. Dada a situação do homem, não se pode deixar passar a ironia deste nome: que alguém cujo “deus é rei” tenha que fugir do território desse rei por causa de fome. A pergunta que fica é: Onde Deus está em tudo isso?

O nome da esposa, Noemi, cujo nome significava, “ser agradável, linda”.

O sentido dos nomes de cada um dos dois filhos é incerto. Malom e Quiliom. A estada deles em Moabe seria de duração indefinida. Como Jacó, encontraram comida preciosa em terra estranha; mas quanto tempo passará antes que eles (ou seus descendentes) vejam um “êxodo” para sua terra natal?

3 Morreu Elimeleque, marido de Noemi; e ficou ela com seus dois filhos,

Toda e qualquer expectativa de uma virada de eventos positiva são repentinamente desfeitas. Elimeleque de fato faz um “êxodo”, mas para a morte. Na narrativa não há narrativa do momento, lugar, circunstâncias ou causa de morte. Assim, ele pode ficar a pensar em perguntas que não têm resposta:

- Por que Elimeleque morreu?
- A morte dele foi juízo de Deus por algum pecado?
- Deus tem algum plano em mente?

E choca a ironia amarga: um homem chamado “meu Deus é rei” morre! Isso também suscita perguntas:

- Que espécie de Deus é esse que não pode manter vivo um determinado israelita numa terra estrangeira, mas não muito longínqua?
- Perdeu ele o controle sobre sua esfera cósmica?

O autor então começa a envolver seu auditório emocionalmente com a história.

Sua preocupação, porém, é com o resultado trágico da morte de Elimeleque e sim com Noemi e os dois filhos foram deixados vivos.

Desse ponto em diante, a atenção da história estará focada em Noemi, não em Elimeleque. Apesar das limitadas opções para Noemi numa terra estrangeira, nem tudo está perdido, porque três dos quatro membros da família original sobrevivem. As viúvas sempre tiram grande conforto do potencial futuro de seus filhos. Em meio à tristeza sombria, seus jovens mantêm as esperanças de um “êxodo”.

4 os quais casaram com mulheres moabitas; era o nome de uma Orfa, e o nome da outra, Rute; e ficaram ali quase dez anos.

Uma mudança inesperada para melhor dá esperança. Os dois filhos tomaram para si esposas moabitas. Casamentos eram ocasiões muito alegres nos tempos bíblicos, como o são hoje e traziam expectativas de crianças para continuar a linhagem familiar.

Novamente, o narrador omite todos os detalhes de como se conheceram e namoraram; ele até deixa de especificar quem casou com quem. Noemi provavelmente recebeu os casamentos como doce remédio para sua tristeza amarga. A comida de Moabe havia restaurado vida a uma família israelita enfraquecida; agora, através do casamento, as mulheres de Moabe podem assegurar àquela família uma linhagem familiar continuada.

O nome Orfa, não tem significado, mas o de Rute significa provavelmente “refrigério, conforto”

O registro final de que eles viveram ali por cerca de mais dez anos não é um detalhe casual. Quanto mais se demoram ali, mais duvida fica um possível retorno. De “um homem foi” (v.1b) passando por “ficaram ali” (v.2b) até “viveram ali” (v.4b), a família havia se estabelecido cada vez mais arraigadamente em Moabe. Mais importante, porém, a passagem de dez anos nos faz antecipar o evento feliz que normalmente segue o casamento, o nascimento de crianças. Assim, isso calmamente introduz um dos temas dominantes do livro, o problema de herdeiros.

Nesse respeito, Gênesis 16 pode fornecer algo de pano de fundo bem interessante. O v.3 registra que depois de dez anos de esterilidade, Sarai deu sua serva Hagar a Abrão para lhes prover um herdeiro. Se entendermos dez anos como o período costumeiro dado a um casal para produzir filhos antes de tomar medidas alternativas corretivas, então a referência a dez anos leva a pensar se os casamentos providenciarão para Noemi o feliz consolo de netos sobreviventes, ou noras inférteis roubarão dela essa alegria e, como no caso de Sarai, vão requerer medidas corretivas similares a fim de prover um herdeiro?

5 Morreram também ambos, Malom e Quiliom, ficando, assim, a mulher desamparada de seus dois filhos e de seu marido.

Como no v.3, uma tragédia inesperada acaba com as esperanças e em medida dobrada. Contra todas as expectativas, não há notícia de filhos nascidos aos casais durante os dez anos seguintes. Pior ainda, até esses dois, Malom e Quiliom, morreram. Mais o relato é apresentado de modo seco e sem comentário. A pergunta: como e por que morreram?

- As mortes foram punição por se casarem com moabitas ou por não voltarem para Israel?
- Ou essa tragédia feia é apenas as dores de parto de algum lindo triunfo de Deus?

Seja qual for o caso, no final das contas a família infeliz de Elimeleque agora está sem sua segunda e terceira gerações. Ironicamente, Moabe, o provedor de “semente” para sobrevivência, quando Belém estava infecunda, prova ser a cena de infecundidade humana. Sem nenhuma “semente” para levar em frente a linhagem familiar, a família de Elimeleque está à beira da extinção. E em Israel não havia tragédia maior do que uma família cessar de existir.

Porém, Deus é bem conhecido por transformar tragédia em triunfo. Afinal de contas, as surras e aprisionamento de José acabaram conservando viva sua família que a fome assolava (Gn 45.4-8; 50.20). Também fazer tijolos sem palha não foi brincadeira, mas moveu a compaixão de Deus para salvar Israel da escravidão (Êx 1-3).

O que poderia ele ter em reserva para esta família aqui?

Como no v.3, o narrador realça o resultado cruel dos filhos perdidos: a mulher ficou destituída tanto de seus dois filhos como de seu marido. Não foi só que uma família de quatro (v.2) de repente encolheu para uma pessoa, mas que a sobrevivente perdeu toda a identidade. Em vez de ser chamada pelo nome, ela é simplesmente chamada de mulher. O verbo, desamparada, realça o tamanho da perda trágica de Noemi. A perda de Noemi é total e sua sorte é mesmo amarga. Como viúva, faltam-lhe o provimento e a proteção de um marido na antiga sociedade dominada pelo elemento masculino. Além disso, sua idade e pobreza lhe vedam efetivamente três opções normalmente abertas a uma viúva:

- À vista da passagem do tempo que a história sugere, seus pais podem ter morrido. Se assim for, ela não poderia voltar à casa paterna como uma viúva jovem comum.
- Um novo casamento, mesmo um levirato (Dt 25.5-10), parece improvável, porque com certeza ela já passou dos anos em que poderia gerar filhos.
- Ela não pode sustentar-se sozinha por meio de alguma ocupação rentável, por não ter nenhuma e, além do mais, as mulheres simplesmente não faziam isso naquele tempo.
- Pior ainda, ela é uma viúva idosa sem filhos. Se uma mulher é “preservada através de sua missão de mãe” (ITm 2.15; cf. o choro de Raquel, Gn 30.1) Noemi está perdida. Como Sara, Ana e Isabel ela sofre a vergonha dolorosa de não ter filhos. Ainda mais, ela enfrenta seus anos de declínio sem filho nenhum para cuidar dela e neto nenhum para alegrar seu espírito.

Esse é o cenário escuro, desesperançado para iniciar Rute. Expulsa de sua terra natal pela fome, seus queridos roubados cruelmente pela morte, uma velha viúva solitária se assenta abandonada numa terra estranha. Quanto isso nos lembra da figura triste do pobre Jó. Pior ainda, uma das unidades familiares de Israel treme à beira da extinção.

A pergunta: Por que essas coisas aconteceram?

Será que ao comparar Noemi com outras mulheres conhecidas que estavam sem filhos (Sara, Raquel, Ana, entre outras) ele está sugerindo que seu destino pode também mudar se Noemi de alguma forma obtiver descendência contra todas as probabilidades impossíveis?

Se isso ocorrer, será devido somente à operação de Deus e um nascimento dado divinamente anunciará um destino heróico para aquela criança (Isaque, Jacó, Samuel, Sansão, entre outros).

6 Então, se dispôs ela com as suas noras e voltou da terra de Moabe, porquanto, nesta, ouviu que o SENHOR se lembrara do seu povo, dando-lhe pão.

As calamidades colocam uma mulher, não um homem, no centro da história. A viagem de regresso ao lar é importante em relação a uma possível mudança de sorte e abre a porta para um futuro de aventura e riscos. Como ela ficou sabendo?

Aparentemente, algum contato havia entre Belém e Moabe, ao qual trouxe a Noemi boas notícias da terra natal.

Para ser específico, Deus havia graciosamente cuidado de seu povo. Este é o primeiro registro da ação direta de Deus no livro. Neste caso, a atenção de Deus é graciosa (dando-lhes alimento). A provisão de alimento, naturalmente, é típica do Deus pactuado de Israel.

De fato, ele conspirou para fazer José chegar ao Egito para preservar o mundo, e especialmente seu próprio povo, da fome (Gn 45.5-8; 50.20).

Aqui sua doação marca um ponto crítico de esperança na história trágica de Noemi, o fim da fome anterior e seu longo e amargo exílio.

Ela não está totalmente desamparada; contra três terríveis perdas (Elimeleque, Malom, Quiliom), ela tem pelo menos dois ganhos (Orfa, Rute), e agora ela pode ir para casa. Mais importante, a intervenção graciosa de Yahweh lembra ao leitor o envolvimento íntimo dele nas vidas de seu povo - e isso de formas práticas. Hoje, nós que vivemos longe dos campos dos lavradores devemos lembrar que em última instância é Deus, e não os mercados, que põe alimentos em nossas mesas (cf. a Oração do Pai Nosso, Mt 6.11).

7 Saiu, pois, ela com suas duas noras do lugar onde estivera; e, indo elas caminhando, de volta para a terra de Judá,

Este verso narra a saída real de Moabe. Noemi iniciou e encabeçou o êxodo (Ela deixou) o lugar onde ela tinha estado, isto é, Moabe e suas companheiras simplesmente a seguiram. Mas embora Noemi liderasse, as três compartilhavam da mesma sorte juntas na estrada. O objetivo de sua saída era para voltar à terra de Judá. Finalmente, após tragédia incrível, Noemi estava a caminho de casa. A pergunta: será que estas três viúvas alcançarão seu destino?

8 disse-lhes Noemi: Ide, voltai cada uma à casa de sua mãe; e o SENHOR use convosco de benevolência, como vós usastes com os que morreram e comigo.

Em algum lugar na estrada, Noemi finalmente interrompeu o silêncio impessoal da história. Estas são suas primeiras palavras registradas e deslancharam uma conversa comprida entre as três viajantes (vs.10-17). O local deste diálogo não é especificado, mas a probabilidade é que aconteceu num ponto a alguma distância na estrada que desce saindo de Moabe. Tal procedimento provavelmente poupou a Noemi um estresse emocional. Se tivesse dito adeus em seu lar em Moabe, as noras sem dúvida teriam convencido ela para ficar e ela poderia persuadi-las a voltar com mais eficácia.

Noemi desejava prosseguir para Belém sozinha. Portanto, ela falou com suas duas jovens companheiras para que a deixassem com sua viagem e retomassem a Moabe, cada uma à casa de sua mãe. Noemi desejava que as duas mulheres tivessem segundos casamentos felizes. Noemi deu seguimento a seus comandos com uma fórmula comum de expressar desejo. Que Deus as trate bondosamente. Esta fórmula envolve situações de despedida ou separação sob circunstâncias adversas. Aparentemente a frase foi usada como um meio técnico de dar fim a um relacionamento. Assim, a oração de Noemi foi mais do que um casual “Adeus e Deus as abençoe”. Impotente para retribuir a bondade delas, seu único recurso foi entregá-las aos cuidados de Deus. Interessante é Noemi invocar Deus, o Deus pessoal e pactuado de Israel em Moabe. Ela já presumiu que a autoridade e presença dele se estendem a terras fora de Israel. Possivelmente foi a lembrança das antigas tradições de Israel que fazia surgir esse pensamento. Tanto a vida de Abraão (Gn 12.10- 16; 20.1-17)

como a experiência de Israel no Egito (Êx 1-14) provavam o poder de Deus de abençoar pessoas em terras estrangeiras. É apresentado um dos principais temas do livro, a bênção e orientação soberanas de Deus.

Noemi especificamente buscou de Deus a bênção para Orfa e Rute. Aqui a bênção pedida corresponde à bondade anterior praticada pelas duas jovens viúvas. Yahweh iria tratá-las tão bondosamente como elas a haviam tratado. A bondade para com Noemi se refere a suas ações desde a morte de seus maridos. Embora essas mortes tenham cortado os laços delas com Noemi pelas normas da sociedade, Orfa e Rute haviam ficado com ela voluntariamente. Voluntariamente suportariam sua própria viuvez, falta de filhos e desarraigamento por amor a ela. Seu “lugar” seria como filhas de sua casa.

9 O SENHOR vos dê que sejais felizes, cada uma em casa de seu marido. E beijou-as. Elas, porém, choraram em alta voz.

Noemi então especificou a bondade que ela buscou no verso anterior.

Ela busca um lugar de segurança estável para elas.

A palavra para se referir a esta estabilidade desejada, foi usada para falar a respeito do lugar onde Deus e sua arca tiveram repouso estabelecido após as andanças a caminho de Jerusalém depois do tempo que passou cativo na mão dos filisteus. **Salmos 132:8,13 Levanta-te, SENHOR, entra no lugar do teu repouso, tu e a arca de tua fortaleza. Pois o SENHOR escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada.** Também significa ficar livre dos inimigos (I Rs 8.56) ou de cansaço (Is 28.12; Jr 45.3). Em essência, sugere permanência, lugar fixo, segurança e libertação, livre de ansiedade depois de andanças, incerteza e dor. É antes de tudo algo que só Deus pode dar.

Noemi pedia que Deus fizesse com que Orfa e Rute viessem a conhecer moços que se tomassem seus esposos. Como para selar a separação seguramente, Noemi beijou as duas jovens senhoras em adeus. Tendo-as encomendado aos cuidados de Deus, ela agora queria despedir-se. Dada a emoção carregada desta situação, todas as três choraram. A separação, embora dolorosa, é para melhor.

10 e lhe disseram: Não! Iremos contigo ao teu povo.

Em meio ao luto, as mulheres mais jovens ofereceram de novo um protesto. Elas, então, inverteram a própria ordem de Noemi coma afirmação de que iriam voltar com ela para seu povo. Quer para retribuírem o amor de Noemi, para permanecerem leais aos esposos, ou para evitarem a dor da separação, declararam a intenção de sacrificar seus futuros no altar do serviço prestado a ela.

11 Porém Noemi disse: Voltai, minhas filhas! Por que iríeis comigo? Tenho eu ainda no ventre filhos, para que vos sejam por maridos?

Noemi repetiu então sua ordem anterior, adicionado o questionamento sobre qual motivo levariam elas a segui-la, já que era uma decisão irracional, levando-se em conta também o fato de Noemi não ter mais filhos para lhes apresentar como esposo.

12 Tornai, filhas minhas! Ide-vos embora, porque sou velha demais para ter marido. Ainda quando eu dissesse: tenho esperança ou ainda que esta noite tivesse marido e houvesse filhos,

Uma última vez, Noemi tentou defender seu ponto: Voltem daqui, minhas filhas, vão, retomem! Ela apelou novamente a seus emotivos elos de ternura (minhas filhas). E então ela seguiu a sua razão: eu sou velha demais para casar de novo.

- Por que casar de novo se a velhice proíbe a concepção?
- Por isso, por que ficar com ela se não há nenhuma esperança de filhos prontos para o casamento?

Ela, uma mulher idosa precisaria, primeiramente, de conceber imediatamente, então gerar mais de uma criança e ter pelo menos dois do sexo masculino. A melhor oportunidade de casamento delas estava em Moabe, e não em Belém.

13 esperá-los-íeis até que viessem a ser grandes? Abster-vos-íeis de tomardes marido? Não, filhas minhas! Porque, por vossa causa, a mim me amarga o ter o SENHOR descarregado contra mim a sua mão.

Com duas perguntas feitas, Noemi finalmente tirou a sua conclusão, mesmo que ela sendo idosa gerasse filhos, nesse caso, a espera requerida de Rute e Orfa não era nenhuma pequena demora; duraria até os filhos se tomarem de idade suficiente para se casarem com elas. Outro problema também existia, essa demora poderia apresentar um risco adicional: visto que as mulheres estariam mais velhas, os homens poderiam optar por não se casarem com elas.

Em seguida, Noemi respondeu à sua própria pergunta: Não, absolutamente, minhas filhas! A dupla leal não deve acompanhá-la para frente.

As palavras dão voz pela primeira vez ao clamor amargurado de seu coração ferido. Na verdade, sutilmente mudam o enfoque à acusação contra Deus.

Assim Noemi explica seu ponto mais importante. Se até mesmo Deus estava atrás dela, segui-la a seu lar era procurar desastre pessoal. Suas tragédias anteriores, fome, exílio, perda por mortes, falta de filhos, poderiam ser apenas o começo. Seria melhor afastar-se de tal pessoa para escapar dos fatos que ainda poderiam ocorrer.

14 Então, de novo, choraram em voz alta; Orfa, com um beijo, se despediu de sua sogra, porém Rute se apegou a ela.

O longo e forte rogo de Noemi recebeu a mesma resposta que sua bênção de despedida (v.9): as duas mulheres choraram em alta voz. Essa expressão vocal de sofrimento indicou que estavam de acordo com Noemi: a única coisa sensata a fazer era deixar Noemi e voltar a Moabe. Consequentemente, Orfa com um beijo despediu-se de sua sogra e chorosamente encaminhou-se para sua casa. A declaração de Noemi atingiu o alvo em cheio em pelo menos um coração. Orfa obedeceu a ela, optando pela probabilidade de uma vida normal em Moabe em vez do risco de aventurar-se na companhia de Noemi.

A atenção muda imediatamente para Rute, aguardando sua resposta.

“Porém Rute se apegou a ela”. O gesto de Rute assinalou seu compromisso de “abandonar” suas raízes moabitas para ficar com Noemi permanentemente. Em suma, Orfa deixou a cena, Rute encaminhou-se ao centro do palco, um lugar que ela ocuparia com Noemi até 3.18, quando, no geral, seu papel na história termina.

A decisão de Orfa não ganha o status de abandono. Na verdade, sua saída merece algum louvor como sendo ela uma filha obediente que aceitou apropriadamente o conselho sábio de Noemi. Sua vida poderia no futuro, poderia relatar o cumprimento de Yahweh dos votos de felicidade que Noemi lhe desejou. Neste ponto o escritor destaca que Orfa fez a coisa sensata, esperada. Rute, a extraordinária e inesperada. Assim, Rute é modelo de fé que se aventura, de quem está disposta a abandonar o aparentemente sensato e aventurar-se em território desconhecido. Quaisquer que tenham sido seus motivos - profundo afeto, um sentimento de lealdade, idealismo mal orientado - ela sacrificou seu destino para “apegar-se” a uma sogra idosa, desanimada.

É possível entender Orfa; é preciso imitar Rute.

15 Disse Noemi: Eis que tua cunhada voltou ao seu povo e aos seus deuses; também tu, volta após a tua cunhada.

Mais uma vez tenta Noemi levar Rute a decisão racional. Talvez Rute estivesse pensando: “Talvez Orfa tenha razão afinal das contas”, ela poderia ter mudado de opinião. Acrescentando a seu povo e a seu deus, Noemi também fazia lembrar a Rute suas raízes nacionais e religiosas. O deus adorado em Moabe se chamava Camos.

16 Disse, porém, Rute: Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus.

Rute faz sua declaração final. Ao invés de soltando-se do abraço e olhando bem nos olhos de Noemi se despedir, Rute emitiu uma ordem própria: Não me pressione para abandoná-la. Noemi precisa desistir de toda tentativa de persuadir Rute a deixá-la.

Por que parar de persuadir? Porque Rute estava tão determinantemente disposta a acompanhar Noemi, como Noemi lhe estava contra fazer isso. Com palavras cuidadosamente escolhidas, ela afirmou que aonde você for, eu irei também. Ela pretendia não só acompanhar Noemi, mas também morar com ela permanentemente.

Resumindo, Rute afirmou: “Onde quer que o futuro nos leve, eu ficarei a seu lado”.

Além disso, ao responder às próprias palavras de Noemi (“seu povo e... seu deus”), Rute escolheu um destino oposto ao de Orfa: Seu povo será meu povo, e seu deus será meu deus. Ela renunciou suas raízes étnicas e religiosas e adotou a nacionalidade e a religião de Noemi. Dali em diante, seus parentes seriam israelitas; seu deus, Yahweh. Como isso surpreende em vista da acusação amarga que Noemi fez de seu Deus, no v. 13.

Qualquer que tenha sido a motivação dela ou seu conhecimento de Yahweh, ela voluntariamente abandonou a família, os ambientes e arredores conhecidos e suas tradições religiosas. Ela assumiu o futuro incerto de uma viúva amargurada numa terra onde não conhecia ninguém, gozava de poucos direitos legais, e dada a tradicional rivalidade moabitas e israelitas, enfrentava possível preconceito. A renúncia de Rute prefigurava o ensino de Jesus: para ser seu discípulo, requer que se renuncie todos os laços familiares por amor ao reino de Deus (Mt 8.21; 10.37; 19.29).

17 Onde quer que morreres, morrerá eu e aí serei sepultada; faça-me o SENHOR o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.

Embora impressionantes, as promessas que acabamos de ver presumivelmente se aplicavam somente durante o tempo de vida de Noemi. Visto que Rute indubitavelmente sobreviveria a Noemi, seria fácil imaginar que seu comprometimento seria por curto tempo. Ela poderia cumprir suas obrigações e, então, após a morte de Noemi, retomar a sua vida de volta em Moabe; de fato, ela talvez ainda fosse suficientemente nova para casar de novo e ter filhos. Não contente com meias medidas, no entanto, Rute estendeu sua devoção até além da morte de Noemi (onde você morrer, eu morrerá). Não haveria um companheirismo temporário seguido de um retorno à velha vida.

Pelo contrário, o v.16 afirmava uma decisão para toda vida: ela pretendia viver todos os anos que lhe restassem em sua terra adotada. Judá e Yahweh seriam, realmente, não apenas o lar e Deus de Noemi, mas também os de Rute. Ainda mais, ela renunciava até o sepultamento junto à sua família em Moabe. Rute prometeu ser sepultada onde Noemi morresse. Isso compreendia um grande risco, pois se rejeitada pela sua nova comunidade, ela poderia sofrer um sepultamento impróprio ou vergonhoso, o que era uma tragédia desonrosa no antigo Oriente Próximo.

Para confirmar a extrema seriedade de suas intenções, Rute fez um juramento pelo nome de Yahweh (Assim faça Yahweh comigo e mais ainda).

Ela faz como Abraão, que também lançou sua sorte com Yahweh (Gn 12.1-5).

18 Vendo, pois, Noemi que de todo estava resolvida a acompanhá-la, deixou de insistir com ela.

18 O narrador dá um passo à frente para levar o ponto alto dramático do capítulo a um fechamento. O diálogo longo, intenso (vs.8-17) dá lugar à reportagem rápida, calma.⁴⁰ A pausa agradável permite que o auditório tome um fôlego e absorva plenamente as palavras de Rute. Estruturalmente, o verso forma um incluso com a reportagem que faz prefácio ao diálogo (vs.6,7). Noemi sentiu que a firme decisão de Rute não poderia ser desalojada (ela [Rute] estava firmemente resolvida a prosseguir com

ela). Dando um colorido, o texto hebraico tem um particípio Hithpael com um sentido perdurante (mit'ammeset) em vez de um verbo finito. No Hithpael, 'ms ("sê forte") tem um sentido reflexivo "fortalecer-se".⁴¹ Assim, contra as investidas de Noemi, Rute estava reunindo todas as suas forças físicas e mentais. Seu alvo firme era prosseguir com ela para Belém.⁴² Diante de tal firmeza, Noemi não disse nada mais para ela. Embora a frase seja ligeiramente ambígua, aparentemente Noemi se calou durante o resto da viagem na ascensão para os montes de Judá. O contador da história quer que o auditório sinta ou uma pequena alienação entre as duas mulheres ou a preocupação de Noemi com seu futuro doloroso e incerto. Portanto, como a pausa prenhe entre os movimentos de uma grande sinfonia, a cortina cai sobre a cena dramática.⁴³

Por um lado, esta cena curta é uma de clímax. Conclui o tema "Moemi volta para casa" narrando o fim de sua viagem. Também reforça climaticamente o fim amargo ao qual Noemi chegou. Outra vez, uma fala raivosa de Noemi (vs.20,21) domina a cena. De fato, preocupada com emoções muito fortes e acusação formal, Noemi trata Rute como se ela estivesse fôra de cena a despeito de sua presença ali. Por outro lado, a cena também é preliminar. Coloca as duas mulheres em Judá, finalmente, e assim estabelece o local dos eventos que seguem.

19 Então, ambas se foram, até que chegaram a Belém; sucedeu que, ao chegarem ali, toda a cidade se comoveu por causa delas, e as mulheres diziam: Não é esta Noemi?

19 O narrador impulsionou a história rapidamente até Belém. Omitindo os detalhes da viagem, ele resumiu em breves palavras horas infundas na estrada de Moabe a Belém (as duas delas prosseguiram até chegar a Belém). Significativamente, as duas delas (elas duas) substituiu "Noemi e sua nora" (vs.6,7); o que as une agora é uma sorte em comum, não um parentesco com a subordinação da mais nova, anônima, à mais velha, com nome. De repente, o texto se toma formal - uma cláusula temporal introdutória (Ora, logo que) - como se começasse um novo episódio. Esta abertura registra sua passagem pelas portas da cidade (entraram em Belém). Nas antigas cidades, tais idas e vindas eram tão comuns que quase não seriam notadas. A chegada delas, porém, fez com que Belém se agitasse (a cidade toda ecoou de alvoroço a respeito delas).

A palavra-chave é watehôm, aqui traduzida ecoou de alvoroço. É derivada de hüm/him ("lançar em desordem, confusão").¹⁵ O uso do Nifal ("ressoar, ecoar, estar em tumulto, gritaria") evoca imagens de gritos alegres e conversas felizes, animadas em razão de um evento. Foi assim na coroação de Salomão que a cidade de Jerusalém "se alvoroçou" de alegria (IRs 1.45), e a terra "ressoou" com os gritos alegres da chegada da arca da aliança ao seu arraial (ISm 4.5).¹⁶ Aqui imagina-se os habitantes correndo pelas ruas, exclamando as boas-novas cada um a outros que também alardeavam a boa notícia. Enquanto a cidade inteira se entusiasmava com as recém-chegadas, as mulheres da cidade (vs.19-21) articulavam: Pode esta realmente ser Noemi?"¹⁷ Provavelmente feita pelas mulheres entre si em vez de para Noemi, a pergunta realmente vocalizava uma exclamação de alegre surpresa.¹⁸ O acento recaía não na palavra esta, e sim no nome nã'omi, Noemi. A figura diante deles se parece com ela, mas será que pode ser mesmo aquela que as deixou há tanto tempo? Com feliz incredulidade, as mulheres ficavam a pensar se esta poderia ser a mulher que conheceram há tantos anos.

20 Porém ela lhes dizia: Não me chameis Noemi; chamai-me Mara, porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso.

20 Talvez as vistas conhecidas - queridas amigas envelhecidas, ruas onde havia caminhado muitas vezes com seu amado Elimeleque, lugares onde seus filhos brincaram - despertaram as emoções de Noemi novamente. A ironia amarga de seu próprio nome de repente caiu na consciência de Noemi e precipitou a réplica explosiva e abrupta: Não me chamem 'Agradável¹⁷ ("Noemi" de rím, "ser

agradável, linda”; ver v.2). Em Israel, os nomes não eram só rótulos de individualidade, mas descrições de personalidade interior que por sua vez acreditava-se influenciarem a conduta da pessoa.¹⁹ A contradição entre seu nome (“Agradável, Bela”) e sua sorte, no entanto, tinha sabor de ironia.²⁰ Então, Noemi saiu com: “‘Bela’? Ah! Nada mais longe da verdade!” Em lugar de bela, com desprezo ela pediu para ser chamada por um nome mais apropriado a sua situação (Amarga).²¹ Por que essa mudança de nome? Porque Deus mesmo foi diretamente responsável pela sorte dela (Shadai me tornou muito amargurada). Noemi repetiu o vocabulário de v. 13 (mar-li me’öd, “Eu sou muito desventurada”) mas com duas diferenças: aqui Shadai é o sujeito do verbo e mrr é Hifil, não Qal (hêmar sadday li me’öd). As mudanças frisam a responsabilidade direta de Yahweh por seu infortúnio e introduzem uma dimensão jurídica a sua ação (cf. v.21).²² Realmente, Noemi se uniu a Jo em questionar a misteriosa justiça de Deus: “Eu estou amargurada - e Shadai me fez assim!”²³ Portanto, “Amarga” era um nome mais adequado à sua sorte.

Quanto ao nome Shadai, sua origem e derivação permanecem obscuras a despeito de muito estudo erudito.²⁴ A tradução dada tradicionalmente é “o Todo-Poderoso” (Sdd, “tratar violentamente, destruir”; cf. pantokrátôr na LXX, omnipotens na Vulg.),²⁵ mas essa tradução não é mais certa do que as alternativas propostas mais recentemente. Tal incerteza etimológica exige, então, que a palavra seja vista como um nome de sentido e derivação desconhecidos.²⁶ Mas o nome certamente é antigo, talvez um que os patriarcas trouxeram consigo da Me- sopotâmia ou um epíteto do deus cananeu El adotado pelos israelitas.

Visto que o nome era um epíteto divino comum durante a era dos juizes, o contador da história provavelmente o empregou para dar à história um toque arcaico. Ele assim deixava subentendido que o Deus operante desta história era aquele mesmo do qual os patriarcas tiveram experiência. E mais, o nome era apropriado ao contexto aqui, visto que o AT associava Shadai com o governo cósmico de Deus (Nm 24.4,16; SI 68.15 [ingl./port. 14]; Jó 40.2; cf. 34.12,13). Por natureza, grande e misterioso (Jó 11.7), Shadai dispensa bênçãos, promete grandes destinos (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14) e distribui destinos aos maus e aos retos (Jó 27.14; 31.2). Como regente cósmico, ele também supervisiona a manutenção da justiça (Jó 8.3; 24.1; 27.2), distribuindo terríveis castigos (Jó 6.4; 23.16; 27.14-23; cf. o terror de sua voz, Ez 1.24; 10.5). As pessoas apelam para ele por vindicação legal e socorro (Jó 8.5; 13.3; 31.35). (Cf. também seu lado temo, SI 91.1.) Em suma, Noemi referiu-se a Shadai corretamente neste contexto. Sua sorte não poderia ter vindo de outra fonte - como também a futura inversão da sorte dela. Portanto, assim como a culpa; será que também se saberá atribuir-lhe a glória mais tarde?

21 Ditosa eu parti, porém o SENHOR me fez voltar pobre; por que, pois, me chamareis Noemi, visto que o SENHOR se manifestou contra mim e o Todo-Poderoso me tem afligido?

²¹ Ampliando rapidamente sua amargura, Noemi recordou sua migração (Eu parti cheia). Suas palavras denunciam um uso proposital da ordem das palavras para efeito retórico (lit. “Eu [um pronome supérfluo] cheia parti”) e uma percepção dolorosa de que ela é a única sobrevivente de Elimeleque.²⁸

Em posição sintática de ênfase, cheia se refere especificamente à sua felicidade como esposa de Elimeleque e mãe de Malom e Quiliom. Não faltava nada na vida dela. Nem a fome e a migração tiravam gotas daquela plenitude; simplesmente faziam parte da vida e, com certeza, não eram nada pelo qual culpar a Deus. Isso se contrasta de forma violenta com sua declaração seguinte: Yahweh me trouxe de volta vazia. Novamente, suas palavras têm sabor de frases preparadas deliberadamente para criar um efeito (lit. “mas vazia trouxe-me de volta Yahweh”). Em posição enfática, vazia contrasta sua situação no presente com aquela do passado. A abastada Noemi caiu de vez, de mãos vazias, na pobreza; ela nada tem - nem marido nem filhos. Suas palavras (Yahweh me trouxe de volta) transmitem ironia amargurada.²⁹ Mais cedo, sub (“voltar”) soou o tema positivo do capítulo

(ver 1.6). Aqui, no entanto, o verbo é Hifil com Yahweh como seu sujeito. Dando comida para Israel, Yahweh iniciou a “volta” de Noemi - mas também “fez com que retomasse” vazia. O contraste entre “eu” e “Yahweh” acusa Yahweh com esta mudança drástica - a primeira vez que Noemi culpa Yahweh de modo direto por eventos anteriores (vs.3,5). Além disso, a justaposição dos dois sujeitos numa sentença quiasmática efetivamente faz com que Noemi e Yahweh sejam oponentes.³⁰ A ironia decorrente é que normalmente se espera mais do generoso Yahweh. O Deus que cuida tanto das viúvas (cf. Êx 22.21-23 [port. 22-24]; SI 146.9) não se envolve no negócio de fazer mais por elas. Por isso, o que deveria ter sido um prazeroso retomo ao lar só lembrava a Noemi o quanto Yahweh tinha tirado dela. É teologicamente significativo, porém, que Noemi não atribuiu nada à sorte, mas tudo a Yahweh. A seu ver, não havia outra força no universo.

No auge de seu desabafo, e de todo o capítulo, Noemi retomou para onde começou - mas desta vez não com uma proibição (v. 20) e sim com uma pergunta. Fosse dirigida a Yahweh e não às mulheres, seria formalmente uma lamentação. Em lugar disso, dava voz a um simples, climático grito de desespero: Por que, então, deveriam chamar-me de ‘Agradável’? Dado esse seu estado de causar dó, as mulheres teriam dificuldade em responder. Não importa, de qualquer modo, pois Noemi logo exclui a possibilidade de qualquer resposta com sua própria declaração binária. No conteúdo, essas afirmações ofereciam motivo para chamá-la “Amarga” em vez de “Agradável”. Através de uma simples variação estilística - um vav inicial em vez do kl usado anteriormente (cf. 1.6,12,13,20) - o narrador talvez tenha dado a entender que a voz de Noemi se elevava em intensidade. A aliteração e a assonância sugerem uma fala lenta, deliberada e dão a estas frases um floreio retórico extra. Novamente Noemi rastreou sua situação até o passado, a uma única e divina fonte, Yahweh. Sua linguagem, contudo, empresta um termo da lei israelita e o aplica metaforicamente à sua situação (testificou contra mim).³¹ Significativamente, isso a retrata como a acusada num processo legal, que já foi achada culpada e punida (i.e., seu infortúnio), mas que desconhece tanto as acusações como o testemunho contra ela.³² Visto que só Yahweh controla tais coisas, ele deve ter dado testemunho contra ela - e não há testemunha mais incontroversível do que ele! Por isso, sua situação “amarga”: embora preferindo oferecer refutação, esse testemunho tão confiável requeria que ela simplesmente suportasse seu castigo.

Não obstante, ela oferecia um clamor climático final: Shadai amontoou todo esse infortúnio em cima de mim! Assim, em palavras que quase rimam com v.20b, ela retomou para onde começou - àquele antigo causador de problemas, Shadai. Aqui, no entanto, a frase é hêra' le (r", Hifil, “causar aflição, infligir desconsolo, fazer mal”), um cujo assunto em outra parte é Yahweh (12 vezes), mas nunca Shadai.³³ A frase relembra contextos semelhantes onde o povo acusou Yahweh de ter perpetrado o mal injustamente (Moisés: Êx 5.22; Nm 11.11; Elias: IRs 17.20; Israel: SI 44.3 [port. 2]; cf. Sf 1.12). Significativamente, entretanto, em tais casos o mal aparente acabou mostrando ser o começo de uma bênção maior, mais ampla. Talvez a escolha de palavras aqui pretenda reforçar a responsabilidade de Yahweh pelo infortúnio de Noemi, para despertar a simpatia do auditório por ela e para sugerir a vinda de algum resultado eventual benéfico.

Em conclusão, aplaudimos a mostra da humanidade de Noemi por parte do narrador. Como Jeremias, Jó e os salmistas, ela se colocou aberta e honestamente diante de Deus em seu sofrimento. Se Rute foi modelo de devoção, Noemi foi modelo de completa honestidade. Mas é preciso evitar atribuir o sofrimento de Noemi a algum pecado ainda não mencionado, quer perpetrado por ela, sua família, ou Israel como nação.³⁴ O narrador não dá base para que se faça isso. Ao contrário, as palavras de Noemi apontam para as misteriosas e muitas vezes (da perspectiva humana) injustas operações de Deus. Finalmente, deve-se reconhecer que a explosão de fato presume uma visão positiva de Deus, a saber, que ele controla o universo, normalmente com justiça. Seu caso é uma exceção - embora não rara -, mas tal é o mistério de Deus.

22 Assim, voltou Noemi da terra de Moabe, com Rute, sua nora, a moabita; e chegaram a Belém no princípio da sega da cevada.

22 Pela primeira vez desde o v.7, o narrador tomou o lugar de seus

34. Cf. o Targ. (migração a Moabe como sendo uma culpa de Noemi); Humbert, “Art et leçon”, p. 264 (Noemi e sua família como encarnando o pecado de Israel).

35. Impressiona como o AT, sem constrangimento, retrata Yahweh como infligindo desconsolo sem deixar implícito que seja castigo (cf. Nm 11.11; Mq 4.6). Mesmo as pessoas sem Deus que negam a intervenção de Yahweh pressupõem que, se ele age, pode trazer ou ajuda ou mal (Sf 1.12; cf. Is 41.23; Jr 10.5); cf. Stoebe, THAT, 11:803. O próprio Deus até reivindica ter feito os mudos, os surdos e os cegos (Ex 4.11). De fato, a Bíblia não só tolera reclamação, mas quase a honra como sendo a posição apropriada daquele que leva Deus a sério, mesmo se isso ocasionalmente põe Deus como acusado no tribunal (assim Campbell, p. 83).

1. Neste contexto, wattaSab (“ela voltou”) introduz uma recapitulação, não seqüência, (por isso a paráfrase livre: “E assim, desta forma”); cf. GHB, § 118; Gênesis 2.1; 23.20; Josué 10.40; 1 Samuel 17.50; 30.3; 31.6; 2 Samuel 24.8. Quanto ao Sub, aparece 12 vezes no cap. 1-6 vezes apontando em direção a Moabe (vs.8,11,12,15 [duas vezes], 16), 6 vezes em direção a Belém (vs.6,7,10,21,22 [duas vezes]); cf. Dommershausen, “Leitwor- tstil”, pp. 396-97.

2. Para este termo, ver vs.1 (com comentário), 2,6.

3. Uma paráfrase livre que transmite a força estilística do TM wehêmmâ bã’û. Para detalhes, ver o comentário adiante.

180 RUTE 1.22

personagens falantes no centro do palco para fazer uma observação sua. Com fineza artística, ele ofereceu um relato sumário em duas partes que tanto conclui os eventos dos vs.6-21 como sutilmente introduz os eventos que virão. Primeiro, ele simplesmente resumiu o evento principal do capítulo (Noemi voltou para casa). O verbo wattãSãb soou o tema principal de retomo uma última vez, e no processo fechou a seção com a mesmíssima palavra com que começou (v.6). O que vs.6,7 diziam, de fato aconteceu. Noemi voltou para casa - e sob as circunstâncias contadas acima. Sem se desviar de seus próprios interesses, porém, o narrador omitiu detalhes sobre os quais seu auditório teria curiosidade. Onde as duas ficaram - com parentes, amigos, ou na antiga casa de Elimeleque? Como a cidade recebeu Rute? Em vez disso, ele sabiamente reintroduziu Rute na história depois de um curto eclipse (vs.18-21). Embora Rute estivesse ao lado dela, o lamento preocupado de Noemi (vs.20,21) efetivamente a afastou para os bastidores (mas cf. 4.15). A importância dela no que segue, porém, exigiu que fosse reintroduzida (junto com sua nora). Chama a atenção o fato de que, pela primeira vez, ela é chamada Rute a moabita.⁴ Essa expressão longa ou procurava dar à conclusão uma formalidade majestática ou sutilmente introduzir tensão racial em antecipação de eventos posteriores (ver o comentário abaixo em 2.2).

Igualmente surpreendente é o escritor identificá-la como aquela que retomou (hassãbâ), uma palavra que apresenta três problemas. Primeiro, dada a abertura do verso, parece tanto desajeitada quanto supérflua, e vários estudiosos a eliminam inteiramente como uma glosa de 2.6.5Tal visão, porém, repousa sem firmeza no critério literário subjetivo do intérprete e entra em conflito com a presença da palavra em todas as versões antigas. Na verdade, o aparente desajeitamento pode simplesmente ser uma ênfase autoral acrescida no tema do retorno. Segundo, a forma da palavra em si é estranha: embora prefixada pelo artigo definido, os massoretas acentuavam-na como um perfeito e

4. Antes, apenas “Rute” (vs.4,14,16), “nora(s)” (vs.6,7,8), ou “filha(s)” (vs.11,12,13); daqui em diante, freqüentemente mas não exclusivamente “Rute a moabita” (2.2,21; 4.5,10), mas veja 2.8,22; 3.9; 4.13. Contra Witzzenrath (Ritf, pp. 14,15), o apositivo “a moabita” não é nenhum acréscimo supérfluo mais tardio em 2.2 e 21.

5. Rudolph, p. 44; Würthwein, p. 9; Witzzenrath, Rut, p. 14.

RUTE 1.22 181

não um particípio, na terceira pessoa do singular do gênero feminino.⁶ Embora raro, o fenômeno ocorre, porém, em outra parte do AT, particularmente no TM de Rute (cf. a mesma forma em 2.6 e 4.3).⁷ Afinal, o que o autor quer dizer com essa referência? Normalmente, sub significa “voltar” para um ponto anterior de partida, mas até onde nos é permitido saber, Rute nunca antes havia estado em Belém. Mesmo se o sentido fosse “voltar, mudar de direção” - um sentido permissível, porém diferente daquele que dominou no cap. 1 - o sentido do autor permaneceria incerto. Se o contexto atual é indicativo, o autor possivelmente disse: “A volta de Noemi significou uma volta para Rute também”.⁸ Isto é, Rute finalmente tem uma verdadeira pátria - o povo e lugar que ela abraçou tão dramaticamente nos vs. 16,17. Ela direcionou sua vida na direção certa. Talvez ele também sugerisse um tema que é importante mais tarde na história, Rute achar - pelo menos preliminarmente - o “lar” (e tudo que isso implica) que Noemi desejava (v.9). Em todo caso, a frase pelo menos introduziu Rute de volta no drama.⁹

Quanto à sentença que fecha o capítulo, vários detalhes estilísticos

- estrutura de sentença disjuntiva, um perfeito (bã’û) em vez de um verbo no imperfeito - assinalam uma quebra seqüencial entre este e o que o antecede (Ora, aconteceu que).¹⁰ A primeira vista, o pronome inicial hêmmâ (masc. pl.) parece refletir a confusão de gênero notada em 1.8, visto que Noemi e Rute são seus antecedentes. Pode-se explicar a anomalia ou como uma rara substituição do esperado pronome feminino por um masculino, ou, mais provavelmente, como uma forma dual comum (lit. “as duas pessoas” / “elas duas”) coerente com o sugerido acima (vs.8,9, etc.).¹¹ Se esse último é o caso, o autor pode ter procurado reestabelecer a presença de Rute adicionalmente, enfatizando que as duas viúvas (não só Noemi) alcançaram Belém (cf. o mesmo idiomatismo de v. 19). Por implicação, Noemi não estava só, porque Rute - por decisão radical - havia optado por caminhar com ela.¹² Mais importante, no entanto, foi o tempo cronológico exato de sua chegada (no começo da colheita de cevada). Essa observação cronológica tem desempenho duplo: encerra o cap. 1 contando quando as duas viúvas chegaram e ao mesmo tempo estabeleceu a cena para o cap. 2, ao mencionar o tempo da safra. As épocas de colheita freqüentemente fornecem marcos cronológicos para eventos importantes (cf. tehilat, 2Sm 21.9,10; Am 7.1). De acordo com o Calendário Gezer, a colheita da cevada começava na última parte de abril ou cedo em maio, o oitavo mês do ano agrícola.¹³ Naquela época, Israel trazia os primeiros frutos como consagração da colheita (Lv 23.10).¹⁴ A colheita do trigo segue em cerca de duas semanas (cf. Rt 2.23).

Ora, por que o narrador especificou este tempo? Certamente, a menção da colheita tocou uma nota levemente alegre num cenário tornado sombrio pela queixa dorida de Noemi. Durante a safra, regozijo e colheita, canto e sega seguiam juntos (cf. Is 9.2). Portanto, a observação poderia visar a aliviar a tensão e assim dar à cena emocional (vs. 19- 21) uma conclusão psicológica apropriada.¹⁵ Mais ainda, marcava um fim à fome, o que mais ameaçava a vida no cap. 1. Noemi completou o círculo (cf. v.1), e Belém (lit. “a casa do pão”) finalmente fez jus a seu nome! Por isso, embora empobrecidas, as duas viúvas pelo menos não morrerão de fome, provavelmente. Essa parte do “vazio” de Noemi será preenchida.¹⁶ Será que Rute não encontrará também um marido? Até mais importante (e improvável!), será que a família malfadada de Elimeleque não escapará de

aniquilação? A “volta” das duas inverteu a direção cadente da história; quem sabe o que há pela frente?¹⁷ Resumindo, quase se sente um narrador feliz, sorrindo um pouco, pensando: “Que coincidência! Chegaram na hora certa para a colheita da cevada!

O narrador é um artista literário exímio. O começo e o fim do capítulo enfeixam um todo lindamente ordenado. O v. 1 abre com uma sentença verbal invertida, uma referência de tempo, e a menção de Belém;

o v.22 fecha com o mesmo. Começou com fome e partida; termina com colheita e retomo.¹⁹ No final, o auditório fica a pensar nos ecos de duas vozes contraditórias - a voz firme, resolvida de Rute lançando sua sorte com Noemi e Israel (vs. 16,17) e a voz amargurada de Noemi lançando pedras de protesto às injustiças de Yahweh (vs.20,21). Cada uma simboliza o contraponto do movimento do cap. 1 - Noemi, o espiral escuro, descendente da fome e morte; Rute, a leve tendência ascendente da abundância e vida.²⁰ O choque dessas vozes atrai o auditório para seguir adiante a história.

Os temas principais do capítulo podem agora ser resumidos. Primeiro, introduz dois problemas carentes de resolução: a provisão de alimento para as viúvas e descendência para os mortos. Nesse respeito, a “volta” de Noemi e Rute já encaminhou a história na direção certa, mas seu destino final permanece desconhecido. E mais, louva a virtude da lealdade humana (hesed) - especialmente aquela mostrada por Rute - como digna de uma recompensa de Yahweh. Também, vê os eventos da história como teologicamente contínuos com as vidas dos patriarcas. Assim como Yahweh os guiou, assim parece estar guiando Noemi e Rute. Embora esta direção esteja misteriosamente oculta atrás do cenário, vê-se breves vislumbres de Yahweh como interventor nos afazeres humanos (v.6), recompensador de lealdade (vs.8,9) e determinador de destinos (vs. 13,20,21). Finalmente, embora a maioria do capítulo 1 esteja escuro e nublado por incertezas e desesperança, o final do capítulo começa algo novo e esperançoso. No meio da obscuridade, brilham campos de ceifas brilhantes e uma estrangeira dedicada, Rute. Neles, o leitor cuidadoso vê os primeiros raios tênues da aurora no horizonte distante.

Em suma, quando Deus está trabalhando, a desesperança amarga pode ser o começo de algum bem surpreendente.²¹ Em apertos desesperadores semelhantes, pode-se vislumbrar no alimento simples sobre a mesa e nos amigos leais próximos a própria obra de Deus sustentando e guiando seu filho até que Deus mesmo dissipe as trevas.